



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 06/03/20

GLOBAL	2
Rabobank: Coronavírus complica el escenario ya difícil por la peste porcina	2
OCDE Efecto coronarivirus: crecimiento global el menor desde 2009	2
ABARES: Mercado mundial entre regulaciones y mayores exigencias.....	3
Coronavírus causaría pérdidas de US\$ 50000 millones en el comercio mundial	5
CHINA	5
Menores requerimientos de importación de carnes bovinas	5
Proyectan un impacto positiva em la demanda de carnes.....	6
BRASIL	6
CEPEA: mejoran los precios, especialmente, el ternero	6
Valor de exportaciones de carnes aumentó en febrero	6
Mayores embarques hacia ARABIA SAUDITA en febrero.....	7
ABCZ lanzó ‘Programa Carne de Qualidade 2020’	7
Scot Consultoria hará un relevamiento en animales confinados.....	8
Senadores estadounidenses cuestionaron la reapertura del mercado a las carnes brasileñas	9
URUGUAY	10
China retoma las compras de carne a Uruguay.....	10
Coronavirus “genera paranoia” en Europa, pero “no impacta en el precio del Hilton”	11
INAC : 18 de 25 frigoríficos uruguayos arrojaron perdidas en 2019	11
Ministro Uriarte se comprometió a ser “servidor” del país	12
Sequía: El MGAP autorizó mover ganados en plena vacunación	13
Exportadores en pie ofrecen hasta US\$ 2,30 para la compra de terneros	13
Coronavirus afectó importación de materias primas para productos veterinarios	13
UNIÓN EUROPEA	14
Exportadores agrícolas presionan a la UE ante la OMC.....	14
ESTADOS UNIDOS	15
Coronavirus impactó sobre los mercados ganaderos	15
Estudio demuestra que el consumo de carnes está firme	15
AUSTRALIA	16
Fin de la sequía mejora la situación de los ganaderos pero afecta a los exportadores.....	16
Retrocedieron las exportaciones de carnes bovinas a CHINA	16
ABARES Proyección 2020 prevé precios altos.....	17
Mercado ganadero mejoró a contramano del resto del mundo	18
EMPRESARIAS	19
Tyson Foods obtuvo reconocimiento a su Programa de Sustentabilidad.....	19
BRF resultados positivos em 2019	19



GLOBAL

Rabobank: Coronavírus complica el escenario ya difícil por la peste porcina

Fonte: Rabobank, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. This post was last modified on 3 de março de 2020 11:54

Embora a peste suína africana continue sendo a questão dominante no mercado de proteína animal global – com as mudanças continuando na China, no Sudeste Asiático e na Europa – o coronavírus agora está complicando as perspectivas, de acordo com novo relatório do Rabobank.

Para a China e a maioria das proteínas animais globais, 2019 foi um ano de mudanças sem precedentes.

A produção de carne suína da China caiu mais de 20% em 2019, os preços do suíno atingiram níveis recordes e aumentaram os preços de outras proteínas, e as importações de proteína animal estavam acima ou perto dos níveis recordes em todas as espécies.

A peste suína africana também impactou os rebanhos e a produção de suínos em outras partes do mundo – no norte da Ásia e no sudeste da Ásia e em algumas partes da Europa.

O comércio global de proteínas animais foi fortemente moldado pela peste suína africana em 2019, com a demanda recorde da China influenciando muitos mercados.

Coronavírus

O coronavírus está adicionando mais incertezas e as perspectivas comerciais continuam tão complicadas quanto a volatilidade do mercado.

O coronavírus (ou Covid-19) está afetando a produção, distribuição, consumo e comércio da China no primeiro trimestre de 2020, para todas as espécies.

O Rabobank considera que a doença pode ser amplamente controlada no primeiro trimestre. Como resultado, vemos impactos de curto prazo no consumo, distribuição, produção e comércio, com uma forte recuperação no segundo trimestre.

A carne suína parece ser a menos afetada pelas proteínas, já que a mudança do consumo de serviços de alimentos para o varejo de alimentos/consumo doméstico é mais fácil.

A peste suína continuará impulsionando os mercados de proteínas animais em 2020

Na China, o número de novos casos de peste suína africana e o número de re-infecções, vem diminuindo.

Em outras partes da Ásia, a doença continua a se espalhar, com a ilha de Mindanao, nas Filipinas, o caso mais preocupante. Na Europa, um novo surto no oeste da Polônia é particularmente preocupante e um caso foi relatado na Grécia.

A doença mantém o potencial de influenciar e interromper a produção, o comércio e o consumo ao longo de 2020.

As perspectivas comerciais continuam tão complicadas como sempre

Além dos impactos do coronavírus, o comércio global e, em particular, as importações da China, serão influenciados pelo acordo comercial EUA-China e pela administração das autoridades chinesas dos preços domésticos da carne suína, no primeiro semestre de 2020.

A combinação dessas incertezas criará complicações no curto prazo, mas o Rabobank mantém sua visão de que a China manterá ou aumentará suas importações de todas as espécies em 2020.

OCDE Efecto coronarivus: crecimiento global el menor desde 2009

ESTADÃO CONTEÚDO 02/03/2020

De acordo com a OCDE, caso a epidemia se agrave, o PIB mundial pode ser até mesmo negativo no primeiro trimestre deste ano

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) reduziu na manhã desta segunda-feira, 2, sua previsão para o crescimento global em 2020 em 0,5 ponto porcentual, de 2,9% para 2,4%, de olho nos impactos econômicos do coronavírus. Este é o nível mais baixo desde 2009. Para a entidade, o Produto Interno Bruto (PIB) mundial pode ser até mesmo negativo no primeiro trimestre deste ano e cair para 1,5% em 2020, caso a epidemia se agrave.

“Os governos precisam agir com rapidez e força para superar o coronavírus e seu impacto econômico”, defende a OCDE. Para 2021, porém, a projeção de crescimento global foi elevada de 3,0% para 3,3%. “As contrações na produção na China (epicentro da epidemia) estão sendo sentidas em todo o mundo, refletindo o papel fundamental e crescente do país asiático nos mercados globais de cadeias de suprimentos, viagens e commodities”, argumenta a instituição, que também cortou sua previsão de crescimento da China em 2020 de 5,7% para 4,9%.

Para os Estados Unidos, a OCDE vê um impacto mais limitado, ainda que tenha reduzido suas projeções de crescimento do PIB de 2,0% para 1,9% em 2020. A OCDE destacou ainda que a economia global tornou-se mais conectada com a China em relação a 2003, quando o surto de SARS também impactou os mercados.



“A China desempenha um papel muito maior nos mercados globais de produção, comércio, turismo e commodities. Isso amplia as repercussões econômicas para outros países”, diz a entidade, que projeta um grande impacto negativo sobre Japão, Coreia do Sul e Austrália.

Entre as medidas para a contenção dos impactos econômicos do coronavírus, a OCDE destaca a necessidade de se apoiar as economias de baixa renda e aumentar os estímulos fiscais, além de relaxamentos monetários em países com espaço para tal. Entre eles, a entidade destaca o Brasil.

Impactos no Brasil

A OCDE falou também que o Brasil tem espaço para relaxar ainda mais sua política monetária, como forma de conter os impactos econômicos do surto de coronavírus. A entidade, contudo, por mais que preveja impactos negativos da epidemia sobre países exportadores de commodities, manteve sua projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 1,7% em 2020.

“Os ventos contrários adicionais e a incerteza relacionados ao surto de coronavírus tornam essencial que as políticas monetárias continuem favoráveis em todas as economias”, afirma a entidade.

“Estímulos monetários ajudarão a economia a restaurar a confiança, embora o impacto de recentes e esperadas mudanças nas taxas de juros de países desenvolvidos deve ser modesta.”

Em meio ao cenário desfavorável, a OCDE também defende a necessidade de uma política fiscal rígida em países emergentes, citando Brasil e Índia, mas destaca que programas de assistência a grupos sociais de baixa rendas devem ser garantidos e apoiados por investimentos.

O Banco Central reduziu a taxa básica de juros do País para 4,25% ao ano em 5 de fevereiro e, no comunicado da decisão, indicou a interrupção do fim do ciclo de relaxamento monetário. Ainda assim, a ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) informou que os membros do grupo discutiram os efeitos do coronavírus sobre a economia global.

O presidente do BC, Roberto Campos Neto, inclusive, incluiu o coronavírus entre os riscos observados pelo BC, ao lado da desaceleração global e das eleições americanas, em recente apresentação a investidores.

Vale lembrar que o Brasil ainda não é um membro da OCDE, embora o processo para a adesão já tenha se iniciado. O ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou ao Broadcast (sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado) em janeiro que prevê a entrada do País no “clube dos países ricos” em dois anos.

ABARES: Mercado mundial entre regulaciones y mayores exigencias

Beef Central, March 3, 2020 AUSTRALIAN Agricultural Co managing director Hugh Killen outlined the challenges he saw of growing global beef markets in an environment of more regulation and increased expectations from consumers, during the opening stages of the ABARES conference in Canberra this morning.

Mr Killen explained AA Co’s well-telegraphed strategy of moving away from commodity beef business model to becoming a premium brands business, and suggested the strategy was equally ‘relevant’ to the broader beef industry.

“Today, beef producers who differentiate and connect to customers will do well; those who connect to the right secondary producers further up the value chain, will do better; and those able to work together to shape and control their whole value chain will do best,” he told the ABARES audience.

By their nature, commodities were mutually interchangeable, he said. “It doesn’t matter where they come from or who produces them – we grade them for quality, but after that, they are anonymous.”

This had been the story of agriculture in Australia in many respects, Mr Killen said.

“We grade wool for quality – and then judge it on price and availability. We grade cereals for quality, then mix and ship them. We test milk for solids and volume, and sell it on to the processor.”

Traditionally beef had been the same – but there were trends away from this, he said.

“At the purest commodity end, hamburger meat is mixed and sold under downstream brands. But increasingly, consumers are choosing beef from different places – under loose country of origin ‘brands.’ And consumers are increasingly engaging with breed brands, like Angus and Wagyu.

“Yet despite these trends, much of the beef that you and I eat, is pretty anonymous,” Mr Killen said.

This was a real challenge for AA Co, he said, as the company evolved into the “world’s leading premium beef company.”

Eating the finest beef was a deeply personal experience.

“There is nothing like the taste of a beautiful cube roll, from an animal born at Brunette Downs in the Northern Territory, grown out at South Galway in South West Queensland, and then grainfed to perfection at Goonoo feedlot in Central Queensland. Cooking this meat is pure joy; taking a bite is a deeply personal experience; and sharing this food with friends and family, is exactly what friendship and family is all about.”

“When we make our operational plans on farm, it is always with this personal experience in mind,” Mr Killen said.

Under AA Co’s aim to grow the best beef in the world, at scale, the system only worked if you have the best customers in the world, he said.



This meant engaging with people who pay top dollar for the experience, and it means making a personal connection with them – a connection to the beef, to the brand, and to the story.

“None of these things are transferable. They can’t be anonymous, and they make us personally accountable – every time we offer an AA Co product,” he said.

This had been a big change for the company, but most recent results told the story, Mr Killen said.

The company continues to grow the value of its Wagyu sales internationally, under the Westholme and Wylarah brands. In the first half of last year AA Co launched Westholme in six new cities around the world, helping deliver growth, despite ongoing seasonal challenges, Mr Killen said.

“This is the story of AA Co today, and into the future. Our growth comes from moving away from the commodity market – and it comes from telling our story, in every piece of beef we sell,” he told ABARES delegates.

Mr Killen said AA Co’s shift away from commodity beef production was relevant to the wider beef industry.

“Since the end of the old protection system, Australia has been through waves of change. We reshaped our national sheep flock; the dairy industry is unrecognisable; grains and cereals are globally competitive; and the beef industry continues to reshape its herd, structure and operations.

“All of these changes have made us stronger, and they have forced us to take greater responsibility for the value chains connecting us to customers.

“Today, producers who differentiate and connect to customers will do well; those who connect to the right secondary producers further up the value chain, will do better; and those able to work together to shape and control their whole value chain will do best.”

In this context, increased consumer expectations were not a burden to be managed – in fact for AA Co, they had become the company’s ‘north star’, Mr Killen said.

“We know that the highest value consumers have the highest expectations. We use this to drive performance at every level. Our focus on customer experience makes us personally accountable, and growing consumer expectations align with our vision to produce the best beef in the world at-scale.”

Good regulation, bad regulation

Unfortunately, regulations and customer expectations rarely aligned, he said,

“They do when things really go wrong – because breaching basic food quality and safety regulations will always fail to meet customer expectations. But, at best, regulations reflect a lowest common denominator.”

“Our day to day focus is almost always on exceeding any regulations for safety, quality or sustainability. Sometimes regulations are used as hidden trade restrictions.

“We try to understand these barriers and manage as best we can, and we trust to government negotiations to iron these out. But they do not really inform our quality, safety or sustainability.”

“Some other regulations which apply to us, were not designed for our business. Governments continue to develop land use and related regulations, often based on a limited understanding of the diverse natural environment. And they offer little capacity for dialogue, collaboration, innovation or a shared commitment to quality,” Mr Killen said.

This type of regulation could harm the industry’s ability to operate, and harm its relationship with Government,

“And when we argue, it can harm our reputation around the world. But when governments create blanket regulations for things like land management, they can punish us for land use practices that are sustainable. For example, Queensland land clearing rules might work in some areas, but they don’t align with best practice land and water management across our stations. And if we protest, some will question our commitment to sustainability,” he said.

In contrast, good regulation had the power to make us all better.

“It can align with our vision for the highest quality beef and the highest customer expectations, and it allows for positive dialogue, collaboration, innovation and quality production.

“To achieve this, good regulation has to go beyond traditional negative incentives – which prohibit certain behaviours. Where these are appropriate, they should be policed effectively, but if we want regulations that support our industry’s \$100 billion output target, we need more good regulation – including positive incentives which foster innovation.”

This required regulators to share the industry’s commitment to growth and sustainability, Mr Killen said, and it required regulators who could become positive partners in growth.

“This is especially important where regulations reflect wider government policy. For example, all Australian governments are investing in their responses to climate change. Meat and Livestock Australia has supported this with a commitment for the Red Meat industry to be carbon neutral by 2030.

Aligning policy, industry and regulation

“From the perspective of a fragmented industry working alone, made up of many small operators, this target is impossible. But from the perspective of an industry working together, with real support from Government, it might just be possible.”

The only way to get close to this goal though, is by aligning policy, industry and regulation.



“This begins with moving past the culture wars, and accepting that transition must happen. We can then look at how our respective investments and capabilities can work together. Our goal must be to align overall investment, across public and private sectors, to support transition,” he said.

“We need governments of all persuasions working together to set a clear national policy framework. We need the major parties, minor parties and independents, working through a serious debate to provide clarity, beyond the electoral cycle. And then we need state and federal governments, working together to agree a set of practical, shared, national sustainability goals and targets.

“This is essential to a national policy framework, which can allow all departments, agencies, communities and business to work together on the practical steps we need.”

“Imagine government and regulators working with industry, to direct public and private investment in energy transition – helping fund the move from grid power to solar power – or transitioning transport from diesel to gas, and ultimately hydrogen. Imagine government and regulators working together to help unlock the potential of rainfall in Northern Australia.

“Imagine this asset being managed sustainably – helping increase production outside of stressed systems like the Murray Darling. And imagine if water regulations aligned with land use regulations in places like Queensland, so that government support for managing water assets wasn’t undermined by government prohibition on basic land management practices.”

None of this could happen when regulations were fragmented, and made up solely of negative incentives, Mr Killen said.

“When this is the case, most of our energy goes into getting as close as possible to the prohibition line. When this happens, you get things like the banking royal commission, and you get industries like ours becoming more fragmented, as individual operators work to avoid contact with regulators on the ground. Worst of all, a negative regulation perspective ignores the culture of innovation and change we have built in Australian agriculture, and it ignores the scale and complexity of change required to succeed in the future.”

Mr Killen said he believes another, more positive regulatory perspective was possible.

“I believe it is possible to align customer expectations, policy and regulations, and I believe that when we do, we can start working together in good faith, for common goals like sustainability.

This has not been the traditional approach, but in a sector where change is our every-day constant, and where we need to evolve to reach our \$100 billion production target by 2030, I believe these relationships can evolve together too.”

Coronavírus causaría pérdidas de US\$ 50000 millones en el comercio mundial

Agência De Notícias Brasil-Árabe 05/03/2020

Surto da doença desacelerou produção industrial da China, o que deve repercutir em mercados com os quais o país tem relações econômicas

O coronavírus pode resultar em perdas de US\$ 50 bilhões no comércio global, segundo estimativas da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad). O prejuízo deve vir principalmente da desaceleração da produção industrial na China e ser sentido na cadeia produtiva ao redor do mundo.

O secretário-geral da Unctad, Mukhisa Kituyi, afirmou que o surto traz sérios riscos para a economia global. Índice chinês que mede a produção da indústria caiu em fevereiro para o valor mais baixo desde 2004. Isso implica recuo de 2% na exportação do país. Como a China é importante centro comercial global e de produção manufatureira, o movimento repercute em qualquer país, principalmente nos mercados de maior relação com os chineses.

A Unctad acredita que os setores mais atingidos serão instrumentos de precisão, máquinas, equipamentos automotivos e de comunicação, e entre as economias mais afetadas estarão União Europeia (US\$ 15,6 bilhões), Estados Unidos (US\$ 5,8 bilhões) e Japão (US\$ 5,2 bilhões).

CHINA

Menores requerimientos de importación de carnes bovinas

March 2, 2020 02:51 PM Chinese imports of beef declined nearly one-third in January. (FJ)

China’s beef imports increased 60% last year as the country sought to replace its protein supplies decimated by African Swine Fever (ASF). That China had become the world’s largest beef importer had beef producing nation’s salivating – including the U.S., which shipped roughly \$70 million of beef to China in 2019, though that represents less than 1% of China’s beef imports.

The five nations shipping the most beef to China last year were Brazil, Australia, Uruguay, New Zealand and Argentina.

But the world’s largest potential market for beef seems to be shrinking under the strain of the coronavirus. Private surveys indicated China’s manufacturing activity slumped dramatically in February. One index –



called the Caixin/Markit Manufacturing Purchasing Manager's Index (PMI) – was recorded at 40.3 for February – the lowest reading since the survey was launched in 2004.

China's "supply and demand sides both weakened," Zhengsheng Zhong, chief economist at CEBM Group, said in a press release. "Supply chains became stagnant, and there was a big backlog of previous orders." Seeking to control the fast-spreading virus, China's government locked down cities for weeks and enforced wide-scale quarantines. Foodservice activity has been greatly reduced as many restaurants and stores are closed.

The impact on beef imports has been substantial. Three-quarters of Argentina's beef exports went to China last year, some 408,500 metric tons of frozen product worth \$2 billion. Sales of Argentine beef in China fell almost one-third during January.

"The market has totally changed," Marioa Ravettino, head of the consortium of Argentine meat exporters told Reuters. He said Chinese importers are looking to renegotiate deals to lower prices amid the negative effects of to coronavirus on ports activity.

In a report released last week, Rabobank analysts said they expect China's beef imports will be slowed by the coronavirus the first half of 2020.

"Food service outlets will likely remain closed in some regions into March, while in other regions people may avoid eating out together," the Rabobank analysts said. Some sectors such as food service and tourism may remain disrupted through April or May, even if the virus is brought under control.

Proyectan um impacto positiva em la demanda de carnes

Fonte: Notícias Agrícolas. This post was last modified on 3 de março de 2020 11:23

A expectativa dos analistas de mercado é que a epidemia de coronavírus deve impactar positivamente na demanda chinesa por carne bovina. Outros fatores como a peste suína que não está controlada e a gripe aviária também vai beneficiar as exportações brasileiras de carne ao longo de 2020.

De acordo com o analista de mercado da AgroAgility, Gustavo Figueiredo, o número de pessoas infectadas pelo o corona vírus está diminuindo na china e está aumentando as pessoas que foram curadas. "Isso significa que as medidas que foram tomadas são eficazes e estamos observando que a China está retomando as suas atividades comerciais", afirma.

Com relação às referências da arroba, os patamares atuais estão ao redor de R\$ 200,00/@ a R\$ 205,00/@ no estado de São Paulo. "Esse valor é um piso para dentro do estado e para um número pequeno de animais, sendo que está muito difícil de encontrar valores baixos desse preço. Hoje, chegou a sair até novilha de R\$ 200,00/@", comenta.

Figueiredo aponta que a demanda com bom ritmo contribui para a sustentação da arroba nessas últimas semanas. "O mês de fevereiro foi melhor na demanda interna se comparado com janeiro, tendo em vista que tivemos volta às aulas e carnaval. Hoje, a carne no atacado está sendo negociado ao redor de R\$ 13,50/kg", relata.

BRASIL

CEPEA: mejoran los precios, especialmente, el ternero

This post was last modified on 6 de março de 2020 Os preços do boi gordo seguem firmes na maior parte das praças acompanhadas pelo Cepea. O bom desempenho das exportações brasileiras – que seguem acima das 100 mil toneladas por mês – atrelado à baixa oferta de animais prontos para abate mantém a arroba negociada acima de R\$ 200,00 no estado de São Paulo neste início de março.

Nessa quarta-feira, 4, o Indicador do boi gordo CEPEA/B3 fechou a R\$ 202,00. Quanto aos animais para reposição (nelore, de 8 a 12 meses), as cotações também seguem em alta nas praças acompanhadas pelo Cepea. Em São Paulo, especificamente, o preço médio do bezerro atingiu R\$ 1.924,66 nessa quarta-feira, 4, o maior patamar real da série histórica do Cepea, iniciada em 1994 – os valores foram deflacionados pelo IGP-DI.

A média da parcial deste mês, de R\$ 1.904,44, também é a maior da série, superando o recorde real anterior, de R\$ 1.849,55, verificado em maio de 2015, ainda de acordo com série do Cepea.

Valor de exportaciones de carnes aumentó en febrero

Fonte: Estadão. This post was last modified on 3 de março de 2020

As receitas com as exportações brasileiras de carnes bovina, suína e de frango registraram alta em fevereiro deste ano em comparação com igual mês de 2019, como mostram os dados divulgados há pouco pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia, que consideram 18 dias úteis.

Os embarques de carne bovina in natura ao exterior somaram 110,6 mil toneladas em fevereiro, queda de 4,16% em relação às 115,4 mil toneladas de igual mês de 2019, que teve 20 dias úteis. Mas a receita com



os embarques subiu 14,13% na mesma comparação, saindo de US\$ 433 milhões para US\$ 494,2 milhões, em função da alta do preço médio na exportação.

Em fevereiro, a tonelada de carne bovina in natura teve cotação média de US\$ 4.469,20. Um ano antes, o preço médio na exportação foi de US\$ 3.751,50. Na comparação com janeiro deste ano (com 22 dias úteis e embarques de 117 mil toneladas), as exportações de carne bovina em fevereiro caíram 5,47% em volume. Em comparação com janeiro deste ano, quando as exportações totalizaram US\$ 576 milhões, a receita com as vendas externas de carne bovina recuou 14,2% em fevereiro.

No primeiro bimestre de 2020, o Brasil exportou 227,6 mil toneladas de carne bovina in natura, alta de 4,45% sobre igual período de 2019, quando o País vendeu ao exterior 217,9 mil toneladas da proteína. Em relação ao faturamento, as exportações alcançaram US\$ 1,070 bilhão no primeiro bimestre, valor 30,95% maior que o de janeiro a fevereiro de 2019, com US\$ 817,2 milhões.

Na carne suína in natura, os embarques somaram 58,1 mil toneladas em fevereiro, alta de 26,57% sobre as 45,9 mil toneladas de igual mês de 2019, mas 2% abaixo das 59,3 mil toneladas de janeiro deste ano. A receita atingiu US\$ 143,3 milhões em fevereiro, 58% acima dos US\$ 90,7 milhões de um ano antes, mas 5,97% abaixo dos US\$ 152,4 milhões de janeiro deste ano.

No primeiro bimestre deste ano, as exportações de carne suína in natura atingiram 117,4 mil toneladas, alta de 33,8% ante as 87,8 mil toneladas de janeiro e fevereiro de 2019. A receita com as vendas somou US\$ 295,7 milhões, um aumento de 69,35%, sobre os US\$ 174,6 milhões do primeiro bimestre do ano passado.

No caso da carne de frango in natura, o País faturou 9,23% mais com as exportações em fevereiro em relação a igual mês do ano passado. O valor arrecadado com os embarques somou US\$ 505 milhões em fevereiro, ante US\$ 462,3 milhões no segundo mês de 2019. Em relação à quantidade embarcada, o Ministério da Economia informa que avançou 12,13%, perfazendo 324,3 mil toneladas em fevereiro ante 289,2 mil toneladas em fevereiro de 2019.

Em relação a janeiro deste ano, quando o País embarcou 301,6 mil toneladas da carne da ave, o total embarcado cresceu 7,52% em fevereiro/2020. Em receita, o avanço foi de 3,52%, já que em janeiro de 2020 foi exportado o equivalente a US\$ 487,8 milhões.

No acumulado do ano, considerando-se os dois primeiros meses de 2020, o País embarcou 625,9 mil toneladas de carne de frango in natura, quantidade 13,69% maior ante as 550,5 mil toneladas de janeiro e fevereiro de 2019. Em faturamento, o acumulado soma US\$ 992,8 milhões, ou 14,16% mais ante os US\$ 869,6 milhões de janeiro e fevereiro de 2019.

Mayores embarques hacia ARABIA SAUDITA en febrero

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS BRASIL-ÁRABE 05/03/2020 País árabe elevou suas importações em 20,6% no mês de fevereiro

O Brasil exportou 56% menos carne bovina ao Egito e mais aos sauditas em fevereiro deste ano frente ao mesmo mês de 2019. O Egito figurou como quarto maior mercado para o produto brasileiro, comprando 11.827 toneladas em fevereiro. Já a Arábia Saudita, na quinta posição, importou 8.425 toneladas da carne do Brasil. Como resultado, o país árabe elevou suas importações em 20,6%, no mesmo comparativo.

Os dados foram divulgados pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), nesta terça-feira (03). As exportações brasileiras totais do produto tiveram queda de 6% no segundo mês de 2020 frente ao mesmo período de 2019. Foram 131.227 toneladas embarcadas no mês, somando o produto in natura e processado. Já a receita total, teve crescimento de 9%, totalizando US\$ 564,6 milhões. O bom desempenho, segundo a Abrafrigo, aconteceu por conta de bons preços pagos pelo produto brasileiro no mercado externo.

O Chile, segundo mercado mais importante, aumentou suas importações em 9,6% em fevereiro, somando 15.907 toneladas. Em terceiro lugar veio a Rússia, com movimentação de 13.095 toneladas, aumento de 56,5%. Os chineses seguem como líderes em compras da carne bovina brasileira, respondendo por 52,5% das exportações, mas diminuíram os embarques no mês passado sobre igual período de de 2019.

No acumulado de janeiro e fevereiro, os embarques totais do Brasil cresceram 2% em relação ao mesmo período de 2019. A receita acumulou um crescimento mais expressivo, de 23%, somando US\$ 1,1 bilhão nos primeiros meses de 2020.

Nos dois primeiros meses de 2019, a China continental e a cidade estado de Hong Kong importaram 106.641 toneladas do produto. Esse número subiu em 2020 para 139.969 toneladas, sendo 77.317 toneladas em janeiro e 62.382 em fevereiro. Neste acumulado, a China importou 83% a mais do que em 2019, mas Hong Kong diminuiu suas importações em 14%.

ABCZ lanzó 'Programa Carne de Qualidade 2020'

Fonte: ABCZ. This post was last modified on 3 de março de 2020 11:28

A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) oficializou esta semana o 'Programa Carne de Qualidade 2020 – Produção de carne de qualidade com eficiência e sustentabilidade'. A intenção da



entidade é avaliar em profundidade o sistema de produção de carne bovina nacional utilizando a genética zebuína, através de machos PO que serão recriados e abatidos ao final para se medir o diferencial econômico do uso de genética zebuína PO de qualidade.

“A ABCZ é defensora de uma pecuária eficiente e sustentável. Para este programa, já temos uma cadeia de parceiros, como Embrapa, Epamig, Fazu, UFV, Unicamp e USP. Agora, contamos com os associados que poderão doar bezerros, garantindo a execução do programa”, afirma o presidente da ABCZ, Rivaldo Machado Borges Júnior.

Cada criador poderá doar até dois bezerros (dentro dos critérios de escolha pré-definidos). Para esta edição piloto, o programa será realizado com animais Nelore, mas, nos anos seguintes, contemplará todas as raças zebuínas. As inscrições serão recebidas até o dia 31 de março de 2020 ou até preenchimento das vagas (100 animais) (que serão preenchidas por ordem de inscrição).

A prova será realizada na Fazenda Experimental Orestes Prata Tibery Júnior, em Uberaba (MG). Os investimentos em infraestrutura, equipamentos tecnológicos, implantação de pastagens, logística de transporte dos animais (frete) e de recursos humanos necessários para a condução do programa serão de responsabilidade da ABCZ.

Os critérios estabelecidos e os índices adotados para cada etapa estão no regulamento completo no site da ABCZ. Mais informações também estão disponíveis através dos telefones (34) 3319-3886, (34) 3319-3880, (34) 3319-3888 e (34) 3319-3915.

Para participar, os animais devem atender aos seguintes critérios:

- Animais do sexo masculino, portador de RGN na categoria PO (puro de origem) ou aptos a recebe-lo,
- idade compreendida entre 6 (seis) e 8 (oito) meses no início da prova,
- peso ajustado aos 210 dias de no mínimo 200 quilos
- avaliação EPMURAS com resultado pelo menos “Bom”
- até DECA 2 na DEP PS-ED (peso ao sobreano, efeito direto)
- até DECA 4 nas DEPs para AOL e ACAB
- Como o programa busca desenvolver um sistema de produção de carne zebuína utilizando as melhores técnicas disponíveis e viáveis e, em especial, a qualidade genética dos animais, a ABCZ se reserva o direito de não aceitar animais que não reúnam condições morfológicas adequadas quando de sua recepção no local da prova.

Etapas do programa:

O programa será executado em três etapas, com divulgação do ranking classificatório ao final de cada uma delas nas mídias da ABCZ. A equipe técnica responsável pelo programa é multidisciplinar e conta com pesquisadores e técnicos da ABCZ, Embrapa, Epamig, Fazu, UFV, Unicamp e USP. Conheça as etapas:

1ª etapa – recria da desmama ao sobreano a pasto: De abril/2020 a março/2021, os animais serão submetidos à prova de ganho em peso.

A prova seguirá o regulamento adotado pela Associação no que concerne à frequência de pesagens, fórmulas de cálculos obtidas através das seguintes informações: Escore de Avaliação Visual (tipo) pelo método EPMURAS, aplicando-se apenas EPM (AT), Peso Calculado aos 550 dias de idade (PC550), Ganho em Peso Diário (GPD), Ganho em Peso (GP), Ganho Médio Diário (GMD), Área de Olho de Lombo (AOL), Espessura de Gordura Subcutânea entre a 12ª e 13ª costela (EGS) e na picanha (P8). Ao final da prova,

2ª etapa – confinamento do sobreano ao abate: Com duração de 120 (cento e vinte) dias, nesta etapa, além da mensuração da eficiência alimentar (consumo alimentar residual – CAR), serão tomadas medidas de peso (PC ajustado à idade média do grupo), ganho em peso (GP), ultrassonografia de carcaça para área de olho de lombo (AOL), espessura de gordura subcutânea (EGS), espessura de gordura na picanha (P8) e marmoreio (MAR).

3ª etapa – abate técnico: conduzido por profissionais da área, que mensurarão: Peso de Carcaça Quente (PCQ); Espessura de Gordura Subcutânea- EGS; Rendimento de Abate – RA (PCQ/Peso Vivo); Gordura Intramuscular, marmoreio – MAR; Carne Aproveitável Total – CAT (AOL, EGS e PCQ); e, Maciez Instrumental – MI.

Scot Consultoria fará un relevamiento en animales confinados

PORTAL DBO 03/03/2020 Projeto vai mapear mais de 1 milhão de animais criados de forma intensiva nos cinco principais estados confinadores

No próximo dia 9 de março será dada a largada para a primeira etapa do Confina Brasil. O projeto idealizado pela Scot Consultoria, com sede em Bebedouro, SP, tem por objetivo mapear cerca de um milhão de animais criados de forma intensiva nos cinco principais estados confinadores. Isso representa, aproximadamente, 20% do gado total confinado no País. A comitiva sairá de São Paulo e passará por importantes municípios de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.



O Confinar Brasil é composto por duas rodadas de visitas, nas quais serão avaliados os dados de confinamentos e semiconfinamentos sob diversos aspectos da produção. São eles: gestão, manejo, sanidade, nutrição, logística, produção de alimentos, sustentabilidade e automação. Os dados apurados serão certificados e validados pela Unesp, campus de Jaboticabal. Caberá aos técnicos da Scot Consultoria a aplicação de questionários às fazendas participantes do projeto.

A primeira rota de visitas vai até o dia 9 de abril. A segunda ocorre entre 24 de agosto e 25 de setembro. Os resultados da primeira rodada serão apresentados no Encontro de Confinamento e os da segunda etapa estarão disponíveis no Encontro dos Encontros da Scot Consultoria.

Durante a programação do Confinar Brasil também serão realizados quatro encontros de negócios, sendo dois em cada etapa. O objetivo é reunir cerca de 50 produtores em cada um, para os quais serão ministradas palestras sobre mercado do boi e análise parcial dos dados do projeto, conforme o seu levantamento. “Os encontros que acontecerão com os produtores são mais uma forma de disseminar conhecimento. A ideia é avaliar as técnicas vigentes, fomentar o uso de novas ferramentas e avaliar os gargalos da atividade”, afirma engenheiro agrônomo Marco Túlio Habib Silva, diretor de marketing da consultoria. Fonte: Ascom

Senadores estadunidenses questionaram a reabertura do mercado a las carnes brasileiras

Fonte: Bloomberg, publicado no UOL. This post was last modified on 6 de março de 2020 12:40

Congressistas dos EUA e órgãos de defesa do consumidor dizem que a carne bovina brasileira ainda pode oferecer riscos e fazem pressão contra a decisão do Departamento de Agricultura de suspender o embargo às importações.

Perdue respondia a uma carta que mais de uma dúzia de senadores assinaram em 28 de fevereiro contra a decisão do Serviço de Inspeção e Segurança Alimentar (FSIS, na sigla em inglês) de permitir o retorno das importações brasileiras de carne bovina in natura. Condições sanitárias irregulares levaram ao embargo em 2017.

Embora a mais recente inspeção do Departamento de Agricultura tenha autorizado a comercialização da carne brasileira, vários parlamentares expressaram ceticismo em relação a melhoras de longo prazo.

“Como os Estados Unidos interromperam as importações brasileiras de carne bovina in natura menos de um ano após o Brasil ter conseguido acesso em 2016, temos sérias preocupações sobre a capacidade do Brasil de manter padrões adequados de segurança alimentar a longo prazo”, escreveram 15 senadores, incluindo a deputada do Partido Democrata Debbie Stabenow (Michigan), que faz parte do Comitê de Agricultura.

Oito dos 28 frigoríficos brasileiros habilitados a exportar aos EUA foram inspecionados recentemente, disseram os senadores, que questionaram quando os outros 20 seriam inspecionados.

“O USDA deve concluir uma inspeção mais abrangente das ações corretivas adotadas pelo Brasil para abordar as preocupações que levaram à interrupção das importações”, disse o senador republicano Jerry Moran (Kansas) em comunicado por e-mail na terça-feira (3). Os parlamentares solicitaram uma resposta por escrito até 10 de março.

O FSIS atualmente analisa a carta e irá responder, de acordo com um porta-voz do departamento.

Resposta do Brasil

Uma autoridade do governo brasileiro disse que o Ministério da Agricultura está sujeito a um acordo com os EUA que garante “reconhecimento de equivalência” —um processo que determina se o sistema de inspeção de segurança alimentar de um país atende aos padrões de saúde pública norte-americanos.

O reconhecimento de equivalência garante que procedimentos aplicados no Brasil tenham o nível adequado de proteção exigido pelos EUA, disse a autoridade em comunicado por e-mail ontem. As medidas das autoridades brasileiras podem garantir a segurança dos alimentos de todas as frigoríficos elegíveis, disse a autoridade.

Tony Corbo, lobista sênior da Food & Water Watch, disse que o FSIS deve fazer uma análise rigorosa antes de recompensar o país. “O Brasil não tem um programa robusto de testes microbiológicos para seus produtos”, disse Corbo em entrevista por telefone na terça-feira. “Inspetores do governo foram subornados para aprovar a carne como segura.”

Cumprimento da lei

A autoridade do governo brasileiro respondeu que o país possui programas que visam avaliar não apenas aspectos microbiológicos, mas também resíduos químicos e físicos, como o Programa Nacional de Controle de Patógenos.

Um líder da indústria de carne bovina dos EUA questionou a medida para suspender o embargo, dizendo que o Brasil tem um histórico de violações de febre aftosa e segurança alimentar.

Em comunicado, Kent Bacus, diretor sênior de comércio internacional e acesso ao mercado da Associação Nacional de Produtores de Carne Bovina dos EUA, disse que “se o Brasil continuar a ter problemas de segurança alimentar ou saúde animal esperamos que o governo dos EUA, incluindo Capitol Hill, tome todas as medidas necessárias e ação imediata para proteger os consumidores e produtores de carne dos EUA”.



O senador republicano Mike Rounds disse que foi o relator da Lei de Integridade da Carne Bovina dos EUA para garantir que apenas os animais nascidos, criados e abatidos nos EUA recebam o rótulo do país. “Atualmente, a carne bovina brasileira pode receber o rótulo ‘Produto dos EUA’ devido a uma brecha que permite que a carne estrangeira seja etiquetada, desde que seja processada em uma fábrica nos EUA”, disse em e-mail na terça-feira. “Os consumidores merecem saber de onde vêm os alimentos.” O projeto foi apresentado em outubro passado, mas ainda não avançou no Congresso.

URUGUAY

China retoma las compras de carne a Uruguay

04/03/2020 - Precios cayeron, hay dinero para cobrar y sigue stock alto.

Más allá del coronavirus y su efecto sobre el consumo, China volvió a importar carne bovina uruguaya, reactivándose así el principal mercado para la industria frigorífica local y la de toda la región.

Marcelo Secco, CEO en Uruguay de Marfrig y presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica (Adifu) explicó a El País que el mercado chino “todavía está muy dispar”. En ese sentido, comentó que hay clientes que volvieron a importar y otros de los que no se han tenido noticias.

“Todo parecería indicar que en la medida que el tema sanitario se vaya tranquilizando, que la economía china se reactive y los stock de carne bajen, el mercado se irá normalizando”, estimó Secco.

La gran incertidumbre es determinar cuál es el stock de carne que hay en los puertos de China en poder de los importadores y cuántos contenedores están llegando. “Todo parecería indicar que, de a poco, algunos operadores van a volver y otros, que tienen desde cuentas pendientes hasta cancelaciones de negocios, lamentablemente no aparecieron. Esto es día a día”, explicó el industrial.

Precios. China se reactivó pero el techo de precios que se generó en 2019 por el efecto que la peste porcina africana mantuvo sobre el stock de carne de cerdo, ya es historia.

Uruguay mantuvo un volumen exportado de carne vacuna y menudencias que fue récord, además de los valores que pagaron los importadores del gigante asiático, que tuvieron efecto sobre el precio del ganado que recibió el productor.

Hoy, según destacó Secco, los niveles de precios que se están manejando en la reactivación del mercado “son exactamente similares a lo que eran un año atrás, previo a la suba de 2019 generada por la peste porcina africana, pero diría que es previsible que recompongan un ritmo importador más ágil en la medida que China vaya digiriendo los stock de carne que mantiene”.

El industrial agregó otro detalle importante. “Hay mucha mercadería que todavía no llegó a los puertos de China, que las navieras desviaron, que están en tránsito o en otros puertos. Esa mercadería va a ser reasignada para China, tiene que llegar y hay que cumplir con los pagos”, agregó Secco.

A su entender, todavía quedan “dos meses de acomodo del mercado interno en China para ir viendo cómo se reactiva el flujo normal de negocios”. Por eso aclaró que los clientes que hoy están operando “lo hacen en forma regular, obviamente con pagos, con el envío de adelantos, pero todavía son los menos”, contó el ejecutivo.

Para Secco, lo más importante es que el mercado chino “se empezó a mover. El gobierno de ese país sigue dando buenas señales de querer reactivar su economía, es una necesidad”, remarcó. “Ahora hay que recomponer todo el flujo, el financiero y el físico, tanto de llegada de productos a China, como de recarga de productos de China hacia otros lados. Eso es lo que está interrumpido, todavía hay muchas fábricas que no pudieron retomar su producción”, agregó.

Cobros. La industria uruguaya todavía tiene mucho dinero por cobrar en China, más allá del daño que sufrió por la cancelación de contratos y embarques. Lo que deben los importadores chinos depende de cada empresa, no hay una cifra oficial, porque es información privada de cada frigorífico.

En febrero, el presidente del Instituto Nacional de Carnes, Federico Stanham, informó que si se sumaba “noviembre y diciembre de 2019 fueron a China US\$ 220 millones y ese dinero está demorado en volver, se está dificultando su cobro”, explicó Stanham.

Los US\$ 220 millones son el valor de las 41.000 toneladas de carne vacuna que exportó Uruguay en esos dos meses. A lo largo de 2019, China compró en Uruguay unas 60.000 toneladas adicionales frente a 2018, pero también compró en otros destinos, formando stock de carne. “Mi percepción es que bastante más de la mitad (de lo que debe China) todavía está pendiente, entre otras cosas, porque hay clientes importantes que todavía no reactivaron su flujo de negocios. Y más allá de que estén consumiendo los productos, en algún momento van a volver y van a pagar”, afirmó.



Coronavirus “genera paranoia” en Europa, pero “no impacta en el precio del Hilton”

02/03/2020 - De todos modos, el Director de Campo Meat, empresa que importa desde Italia carne de alta calidad, señaló que con el virus “la gente no sale de su casa”, “la economía no se mueve” e “impacta en todos los negocios”.

La propagación del Coronavirus está generando mucha preocupación en la población e impactando en la economía mundial. El virus que se generó en Asia ya llegó a Europa y otros continentes, en muchos casos mercados de relevancia para la carne vacuna de Uruguay.

El director de Campo Meat, empresa dedicada a la comercialización de carne de alta calidad en Italia y Miami, Alejandro Olivera, dijo a Rurales El País que en Italia hay más de 1.500 casos de Coronavirus confirmados y la “paranoia es muy grande”.

Explicó que “la gente no sale de sus casas” y se decretó que “las personas no puedan estar a menos de un metro unas de otras”. Y agregó: “La situación se complica, la economía no se mueve e impacta en todos los negocios, también el de la carne”.

Olivera dijo que en el resto de Europa el impacto “no es grande” pero “están todos con los ojos muy abiertos”. Por el momento “no se habla de cerrar fronteras pero sí se debe tener mucho cuidado”.

Teniendo en cuenta la problemática, Olivera aseguró que no tendrá impacto en el precio de la carne dentro de la cuota Hilton. “Los grandes compradores están al norte, son Holanda y Alemania, y mantienen un consumo regular, no creo que haya variaciones”.

Esta semana “vamos a ver cuánto cotizan los cortes Hilton”, pero las dificultades están en Italia, y desde la empresa “estamos evaluando si hacer compras o no para Semana Santa”, aunque “no tengo dudas que el resto de los compradores van a seguir”, afirmó el Director de Campo Meat.

INAC : 18 de 25 frigoríficos uruguayos arrojaron perdidas en 2019

Fonte: El Observador, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Em uma reunião tripartida realizada quinta-feira entre a indústria frigorífica e a Federação dos Trabalhadores da Carne e Afins (Foica), um relatório sobre a atividade do setor nos últimos três anos foi apresentado pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTSS) , que confirmou a complexa situação atual vivenciada pelos frigoríficos uruguaios em termos econômicos e financeiros.

No caso, foi garantido pelo portfólio que 18 dos 25 frigoríficos em todo o país tiveram perdas no último ano. Segundo El Observador, as informações vieram de um relatório solicitado pelo MTSS ao Instituto Nacional da Carne (INAC).

Mais especificamente, o documento argumenta que apenas sete frigoríficos tiveram Ebitda positivo. O Ebitda é um indicador que não inclui despesas com juros, impostos, depreciação e amortização, a fim de refletir o resultado bruto de uma empresa antes de deduzir seus custos financeiros.

Da indústria, além de considerar os altos custos que a matéria-prima teve em 2019 – o gado atingiu preços recordes pela demanda chinesa – também foi discutido como o negócio de exportação de gado em pé afetou o setor. Essa posição é compartilhada pelo sindicato, embora haja algumas nuances.

Consequentemente, na reunião, a Câmara da Indústria Frigorífica levantou a possibilidade de assinar um contrato de 30 meses. Enquanto isso, da Foica, embora não compartilhe que toda a indústria em geral esteja em uma situação comprometida, foi esclarecido que “não haverá avanços nesses conselhos salariais”.

O secretário geral do sindicato dos trabalhadores, Luis Muñoz, disse ao El Observador que o que se pretende é a recuperação nos mesmos níveis da inflação, mantendo o salário real ou o poder de compra.

Muñoz considerou que as negociações terminarão entre abril e maio, dado que os acordos são geralmente de três anos. Se eles forem concluídos entre esses meses, os trabalhadores receberão o ajuste salarial retroativamente ao longo desses meses.

“O que nos interessa neste momento para os trabalhadores é não ter perdas nos empregos e não ter perda anual de salário”, afirmou.

Como uma combinação de más notícias, a queda na demanda por carne bovina da China nas últimas semanas se somou ao surto do coronavírus, que paralisou as exportações para esse destino, quando se esperava que o mercado recuperasse o dinamismo comercial uma vez que as celebrações do ano novo lunar tenham passado.

A situação levou as indústrias uruguaias a estarem em uma situação difícil, dado o peso superlativo do país como comprador de carne uruguaia (em 2019, era 60% do total). Essa situação impactou particularmente a indústria de carnes, com vários frigoríficos que tiveram que solicitar o reagendamento de pagamentos, porque as obrigações não puderam ser cumpridas no devido tempo e na forma devido à falta de liquidez.

O presidente da Associação dos Consignatários de Gado (ACG), José Pedro Aicardi, disse na semana passada que havia mais de uma empresa que solicitava que os intermediários reagendassem os pagamentos.



“Não é que a cadeia tenha sido cortada, foi solicitado o reagendamento dos pagamentos que implicam uma alteração de documentos e alguns foram adelantados. O problema deve ser tratado com cautela; É uma questão muito sensível para os produtores, para aqueles de nós no meio e para a indústria. Isso é consequência, basicamente, da extensão do final do ano chinês, onde tudo foi ampliado com o tema do coronavírus que tem impacto financeiro em tudo”, afirmou.

Em janeiro deste ano, o El Observador informou que no balanço encerrado em 30 de setembro de 2019, a segunda empresa em operação no Uruguai, a Minerva Foods, registrou uma perda de US \$ 20 milhões nos três primeiros trimestres do ano. A multinacional de origem brasileira possui três fábricas no país (Frigorífico Carrasco, Pul e Canelones) e teve 17,4% do total da obra no ano passado.

Ministro Uriarte se comprometió a ser “servidor” del país

03/03/2020 - Será un MGAP “abierto” para “escuchar al campo”.

Comprometiéndose a mantener un Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca “con las puertas abiertas” para escuchar al campo y trabajar “en conjunto”, Carlos María Uriarte asumió ayer al frente de la secretaría de Estado. Lo acompañan en su equipo, Ignacio Buffa como subsecretario y Fernanda Maldonado como directora general de Secretaría.

Además del secretario de la Presidencia, Álvaro Delgado y del prosecretario Rodrigo Ferrés, estaban presentes el canciller Ernesto Talvi, así como varios integrantes del Poder Legislativo, senadores y diputados. También estaban los exministros Pedro Bonino, Enrique Gasparri y Martín Aguirrezabala.

Acompañado de representantes de gremiales, familiares y funcionarios del MGAP, Uriarte leyó primero las resoluciones del presidente Lacalle Pou imponiendo en los cargos a subsecretario y directora general. Luego hizo un breve, pero muy emotivo discurso en el que agradeció especialmente a sus padres: “ellos son los que me forjaron en este amor al campo y en este servicio a la patria. Estoy muy agradecido, a mis hijos y ahora a mis nietos, porque han sido la razón de mi vida. Muy especialmente a mi esposa Angela”.

Mostró sus lineamientos hacia adentro y hacia afuera del MGAP. “En lo interno, decirles a todos los funcionarios que pueden contar conmigo como me gustaría contar con cada uno de ustedes”, dijo el ministro. Como señal más fuerte adelantó que “habrá un diálogo abierto y una voluntad de trabajar en conjunto. Nuestra visión de la función pública es la de ser servidores, que el ciudadano sea el objetivo de nuestro trabajo. En eso vamos a trabajar y en eso vamos a poner énfasis”, aclaró.

Uriarte recordó que el devenir de la historia “nos lleva a orientaciones ideológicas”, pero aclaró que su trabajo se centrará en poner como objetivo “a Uruguay por encima de todo y téngalo bien claro, esa va a ser la forma de trabajar”.

Mirando hacia afuera recordó que el MGAP tendrá la puerta abierta, donde “queremos que los productores y los integrantes de las cadenas productivas sean dueños de casa, de esta y todas las oficinas del MGAP a lo largo y ancho del país”. Consideró que “juntos podremos desempeñar las funciones que Uruguay reclama”.

A modo de ejemplo reconoció que en la etapa de preparación, “hemos convocado a las principales cadenas productivas mostrando que esa será la forma de trabajo, consultando, proponiendo, discutiendo y dando las herramientas que el sector precisa”.

Expectativa. Dijo también que quería agradecerle al campo, “a todas esas personas que se identifican y se sienten orgullosos de pertenecer al Uruguay del interior. Les quiero agradecer ese voto de confianza que me dan”. Destacó que “cada abrazo es más compromiso y con mucho gusto lo asumo y vamos a tratar de no defraudar”, dijo emocionado.

Uriarte y su equipo son conscientes de que generan una expectativa muy grande a nivel del campo, que defendió desde la Federación Rural, Asociación Rural y otras gremiales. “Sabemos que se ha generado una expectativa muy alta. No nos da miedo, porque el solo hecho de verlos motivados y con esperanza, sin que hayan cambiado mayores cosas, nos da muchísimo más fuerza para seguir trabajando”, afirmó.

Agregó que “vamos a estar mucho mejor de lo que arrancamos y cada uno de ustedes, va a saber cómo encontrar el camino, nosotros vamos a estar para ayudarlos en lo que más precisen”.

Más allá de los agradecimientos al campo y a su familia, también agradeció al equipo de Ciudadanos y a su líder, el canciller Talvi. “Al presidente, Luis Alberto Lacalle, a Talvi por haber confiado en nosotros y por haber acompañado esta idea del país productivo”, concluyó.

Tras la lectura de las resoluciones del presidente de la República, Luis Lacalle Pou, donde imponía en sus cargos a Fernanda Maldonado, como directora general y a Ignacio Buffa como subsecretario, el flamante ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Carlos María Uriarte, dio los nombres de la mayoría de las Unidades Ejecutoras de la secretaría de Estado.

En ese sentido nombró como director de Recursos Acuáticos a Jaime Coronel; director de Recursos Naturales: José María Nin; director general de Servicios Ganaderos: Eduardo Barre; director general de la Granja: Nicolás Chiesa; director de Desarrollo Rural: Pablo Lanz; director Forestal: Carlos Faroppa; directora de Unidad de Inocuidad Alimentaria: Daniela Alfaro y director de Unidad de Descentralización: Carlos Rydstrom.



“Esta semana nos vamos a abocar a tratar de completar las instituciones. Por ahora me reservo los nombres por respeto a las personas”, aclaró Uriarte a la prensa. Agradeció a los jefes del gobierno saliente vinculados al MGAP: como el ministro Enzo Benech, el subsecretario Alberto Castelar y los directores: Pedro Soust, Rodolfo Camarosano, Mariela Mauro, José Olascoaga, Fernando García, Daniel Silveira y Horacio Servetti.

Sequía: El MGAP autorizó mover ganados en plena vacunación

05/03/2020 - Sin pedidos para pastorear ganados en rutas nacionales.

La Dirección General de Servicios Ganaderos del MGAP aún no recibió solicitudes de productores para pastorear ganado en la ruta. Así lo confirmó a El País el titular de la citada Unidad Ejecutora de la secretaría de Estado, Dr. Eduardo Barre.

El ministro Carlos María Uriarte y su equipo, analiza la posibilidad de declarar la emergencia agropecuaria para los departamentos más afectados por la sequía, principalmente ubicados en el sur del país, lo que habilitaría la instrumentación de operativos de asistencia con raciones. Esa medida, como en años anteriores, se focalizará sobre el sector lechero y en el ganadero, apuntará a apoyar los efectos de la falta de forraje sobre el rodeo de cría, cuando las vacas están gestando y criando el ternero.

Ayer, la Dirección General de Servicios Ganaderos autorizó excepcionalmente el movimiento de bovinos con menos de 15 días de vacunados contra la fiebre aftosa.

A través de un comunicado colgado en su sitio (mgap.gub.uy), establece que los animales a mover deberán tener previo consentimiento de los Servicios Zonales o Locales del departamento de origen y posterior comunicación del tránsito de bovinos a los Servicios del Departamento de destino.

Si los animales aún no están vacunados se podrá realizar el movimiento y vacunarlos en destino con certificación del veterinario de libre ejercicio. Para este trámite se necesita nota y/o correo electrónico del interesado explicando las razones de la solicitud, aclara el comunicado.

Situación. Por otra parte, el Ing. Agr. Marcelo Pereira, técnico de la Regional Norte del Instituto Plan Agropecuario, recomendó a los productores tomar medidas ahora, previo a la entrada del invierno, para que la crisis forrajera que vendrá no los agarre desprevenidos.

Explicó que en el basalto “llovió muy bien, fundamentalmente a partir de octubre”.

Agregó que en los predios del basalto que monitorea el IPA, en noviembre, se dio la tasa de crecimiento promedio más alta de los últimos 20 años. “Este mes que faltó el agua, Artigas y el este del departamento están enfrentando problemas de disponibilidad de pasto y anunciamos que será de mayor gravedad si pensamos en el invierno”.

En el sur, la primavera “fue tardía y hay mapas que muestran que en Lavalleja, Florida, San José, Durazno e incluso de Rivera, hay lugares donde ya hay crisis forrajera”.

Exportadores en pie ofrecen hasta US\$ 2,30 para la compra de terneros

06/03/2020 - La próxima semana inicia la carga de 45.000 ovinos para la exportación en pie a Arabia Saudita.

Las empresas exportadoras continúan comprando terneros para la exportación en pie. “Las compras son cautelosas porque están a la espera de cerrar contratos con Turquía”, comentó Juan Pablo Helguera, director de Del Norte Agronegocios.

Helguera dijo a Rurales El País que los precios dependen directamente del peso de los animales pero están por debajo a las referencias que marcaron las últimas pantallas. “Se hacen negocios puntuales entre US\$ 2,10 a US\$ 2,20 para terneros pesados y hasta US\$ 2,30 para animales que no superen los 180 kilos”, detalló.

Pisando la zafra de terneros, el consignatario señaló que la mayor oferta de terneros está en el sur, porque la falta de lluvia está apurando a los productores. Mientras en el norte los ganaderos prefieren aprovechar las pasturas y lograr algún centavo más.

Ovinos. La próxima semana comenzarán las cargas de los 45.000 lanares que están en cuarentena para ser exportados a Arabia Saudita, una corriente de negocio que se reactivó después de varios años. “Si la operativa fluye sin dificultades, la idea del comprador es seguir demandando durante todo el año”, agregó. Helguera, que participó en la compra de los animales, dijo que el negocio resultó una “experiencia muy buena” con compras “ágiles” y a “buenos valores”. Se compraron machos: borregos, corderos y capones, a un precio de US\$ 1,70 a US\$ 2 el kilo en pie.

Coronavirus afectó importación de materias primas para productos veterinarios

06/03/2020 - Demoras en los envíos generó aumento en los precios.

El brote de coronavirus en China no solo afectó a las exportaciones del país, sino que también implicó retrasos en la importaciones de productos, es el caso, por ejemplo, de materias primas para la elaboración de específicos veterinarios.



El director de Laboratorio König en Uruguay, Diego Altamirano, dijo a Rurales El País que “se ha notado en los meses de enero y febrero la problemática del coronavirus en la importación de productos”, con “retrasos en la llegada de las materias primas”.

A pesar de esto, dijo que la situación se está tendiendo a estabilizar en los primeros días de marzo. “Tenemos varios negocios cerrados e insumos que están en viaje al país”, contó.

China es el principal proveedor de materias primas para la elaboración de productos del rubro farmacéutico, y las dificultades sanitarias que vive el país generan “inestabilidad” y “muchas interrogantes”, porque había empresas que no estaban operando.

Sin embargo, Altamirano afirmó que no hubo desabastecimiento en Uruguay dado que las industrias “trabajamos con stock de seguridad”, pero remarcó que sí hubo “retrasos en las llegadas” que generó un aumento en los precios por la menor oferta.

Planta. Laboratorio König está próximo a inaugurar su planta de elaboración de productos, ubicada en Canelones. “Forma parte de la estrategia de König, una empresa regional con operaciones directas en Uruguay, Argentina y Brasil”, señaló.

Y explicó: “Uno de los objetivos es tener un área industrial en Uruguay y estamos próximos a empezar a producir específicos inyectables y orales que serán comercializados en el mercado local, en Argentina y Brasil y en terceros países”.

Para la construcción de la planta la empresa invirtió más de US\$ 5 millones.

UNIÓN EUROPEA

Exportadores agrícolas presionan a la UE ante la OMC

Fonte: Valor Econômico. This post was last modified on 3 de março de 2020 11:07

Brasil, Canadá e EUA apresentaram nesta segunda-feira no comitê de negociações comerciais da Organização Mundial do Comércio (OMC) uma proposta que visa, na prática, frear certas práticas adotadas pela União Europeia em suas importações de produtos agrícolas. A proposta é para os países se comprometerem a adotar medidas sanitárias e fitossanitárias (SPS, na sigla em inglês) baseadas realmente em dados científicos ou normas internacionais e evitem banir algumas compras.

Para os três proponentes, é preciso levar em conta a evolução da produção agrícola global, o ritmo de inovação em equipamentos e tecnologias, as mudanças climáticas, o estresse na produção de alimentos, a crescente importância de práticas agrícolas sustentáveis e o combate à propagação de pragas e doenças, entre outros fatores.

A proposta não prevê emendas no Acordo SPS e deixa claro o direito de cada país de adotar medidas para proteger a saúde humana, animal e das plantas. Mas prega que tudo isso seja feito com base em princípios científicos e que eventuais medidas sejam aplicadas no grau necessário, sem que sejam mantidas sem evidências científicas e avaliação de riscos.

A UE vem sendo acusada há tempos por exportadores agrícolas de atropelar padrões internacionais — na fixação de Limites Máximos de Resíduos (LMR) de um produto, por exemplo.

O Brasil já questionou a UE em comitês técnicos de ter se afastado dos LMR estabelecido pelo Codex Alimentarius nos casos do uso do agrotóxico tiabendazol no cultivo de mangas, de imazalil em bananas e de clorato em frutas cítricas. Para o Brasil e outros exportadores, Bruxelas implementou uma redução de LMR sem base científica sólida. Esses países sustentam que o resultado da avaliação de risco europeia é inconclusivo devido a “data gaps” ou porque a metodologia usada se distancia da usada pelo Codex.

O Codex Alimentarius é um organismo internacional que estabelece LMR para defensivos agrícolas. A UE faz parte do Codex e participa do órgão técnico que faz as avaliações (JMPR). Mas isso não impede os europeus de usarem uma metodologia diferente e, com isso, chegar a resultados distintos e se afastar dos padrões do Codex unilateralmente.

Para certos observadores, não é coincidência que os produtos afetados pela prática europeia costumam ser frutas tropicais que a UE não produz ou que importa em grandes quantidades. Em primeiro lugar, porque há menos estudos europeus disponíveis quando se trata de produtos que não são cultivados na UE; mas também porque há menos lobby em relação ao pedido de autorização do fabricante da substância sob análise. Com menos lobby, as fabricantes das moléculas se sentem menos pressionadas a produzir estudos científicos que embasem as decisões de LMR. E se a UE não cultiva os produtos que usam essas substâncias, não há pressão de fabricantes. Tudo isso contribui para o “data gap”, o vício apontado pelo Brasil nas análises de risco feitas na UE.

Mas, em vez de adotar o padrão de LMR estabelecido internacionalmente pelo Codex, os europeus querem fazer um padrão só da Europa, criando o que os exportadores denunciam como barreira ao comércio. Segundo negociadores, República Dominicana, Equador, Costa Rica, são exemplos de países que estão prestes a ver suas bananas totalmente proibidas na UE porque Bruxelas fixou um LMR de buprofezina diferente do previsto no Codex.



Em recente avaliação da política comercial da UE, uma das questões mais levantadas pelos parceiros do bloco envolveu as práticas de medidas sanitárias e fitossanitárias europeias. O embaixador da UE junto à OMC, João Aguiar Machado, observou que o bloco comunitário é o segundo maior importador de produtos agrícolas do mundo, que essas importações continuam a crescer e que todas as medidas SPS da UE são notificadas de acordo com suas obrigações internacionais.

Conforme o embaixador, os Limites Mínimos de Resíduos na Europa são revisados sistematicamente pela Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos (EFSA). Ele lembrou que, pelo artigo 3.3 do Acordo SPS, a UE pode se desviar dos padrões internacionais se uma preocupação de saúde for levantada pelo organismo de avaliação de riscos. Machado argumentou, também, que a legislação é aplicável igualmente a produtos nacionais e importados, mas que, onde não há risco para a saúde, a UE prevê concessão de tolerâncias de importação para substâncias que não estão autorizadas para uso nos países do bloco.

Brasil, Canadá e EUA esperam atrair apoio para uma declaração multilateral de ministros de comércio na conferência da OMC que ocorrerá no começo de junho no Cazaquistão. Um consenso, porém, parece difícil, até porque para isso a UE precisa ser convencida a seguir padrões internacionais, e não os seus.

ESTADOS UNIDOS

Coronavirus impactó sobre los mercados ganaderos

March 2, 2020 The temptation of a wide basis was all it took for packers to get the market started in the south last week at \$115. Unfortunately, in today's cash market it only takes a few cattle trading to set a market that no one can get around. Due to this issue most feeders had little choice but to follow along.

The north found itself in the same situation as the south. \$115 was as high as they could push the cash market. Producers were only able to secure \$185-\$187 dressed.

If there was ever a question of how much outside influence there is on the cattle market it was completely exposed this past week. As concerns and uncertainties grow regarding the coronavirus, it continues to put additional pressure on the cattle markets.

This will put a strain on all cattle producers, with no one knowing when things may straighten themselves out. Producers may not like where the market has headed but keeping to the course may be the best plan for now.

Estudio demuestra que el consumo de carnes está firme

March 2, 2020 FMI – The Food Industry Association and the Foundation for Meat and Poultry Research and Education, the foundation for the North American Meat Institute (Meat Institute), released its 15th-annual in-depth study of meat and poultry through shoppers' eyes, according to a Meat Institute release.

The survey delved into consumer interest in topics such as production claims and sustainability. With 49% believing that animal agriculture does not have negative impacts on the planet if done properly, the belief that it does have negative impacts is higher among younger generations, showing the opportunity and importance of consumer education, the release said.

"One of the most compelling storylines in the analysis is that 83% of shoppers purchase specific cuts of meat and they are eating smaller portions, but with total volume sales up slightly, that means they are eating less more often," says Rick Stein, FMI Vice President, Fresh Foods.

The top 10 findings from the Power of Meat 2020 include:

1. Meat and poultry sales grew 1.0% over 2019 to \$50.4 billion.

Accelerating meat department sales are being driven by beef and chicken. A focus on smaller portions and limiting second helpings may pressure volume gains, the report said.

2. Plant-based meat alternatives are a small but growing market.

Total store plant-based meat alternative sales were \$760 million in 2019 and grew 11.8%, the report noted. This growth is mostly due to an occasional choice driven by perceived health benefits, being a good source of protein, just something different and/or environmental reasons.

3. Time-saving solutions drive meat and cooking appliance choices.

The number of weekly home-cooked meals dropped to 4.5 over 2019, but dinners containing animal protein increased to 3.9. Newer cooking appliances, including the Instant Pot and air fryer, are helping provide consumers with more options to prepare meat and poultry.

4. Influenced by healthy and ethical living, production claims remain popular.

Organic, grass-fed and no-antibiotics-ever offerings saw robust sales gains, the report said, but overall trust in such claims is only moderate. Building trust in and understanding of claims is critical.

5. Promotional ads remain relevant but there is increased focus on in-store communication.

In-store promotional signage is still the top way to check meat and poultry specials.

6. 85% of shoppers buy just a handful of cuts and kinds of meat and poultry.



Gen Z and millennials are three times more likely than boomers to doubt their ability to cook new cuts and types of meat and poultry, the report said.

7. Supermarkets remain meat powerhouses with some gains in online meat sales.

More than half of shoppers primarily buy meat and poultry at supermarkets. Shoppers are ordering more groceries, including meat and poultry, online. Processed meat, chicken and ground beef are the most likely meat items in online baskets, the report noted.

8. Brands continued to benefit from being a preferred purchase among younger shoppers.

2019 was a strong year for private brands, the report said. Shoppers care about nutrition, food safety practices, animal care practices and the brand's environmental impact.

9. 68% of shoppers feel it is important for grocery stores to provide transparency into how and where livestock was raised.

Shoppers most want to see information on-pack, followed by a brand's website or social media, the report said.

10. Sustainability concerns impact meat and poultry choices, but 49% believe, if done properly, animal agriculture does not have negative impacts on the planet.

Although 34% of consumers believe raising livestock has some or a lot of negative impact on the planet, this belief is much stronger among younger generations.

AUSTRALIA

Fin de la sequía mejora la situación de los ganaderos pero afecta a los exportadores

03 March 2020- Almost a third of Australia's broadacre farmers will endure negative incomes this year as the lingering impact of the drought drags on production, but a return of normal weather should deliver a much-needed boost for winter crops.

The nation's chief commodities forecaster, in its outlook for the coming season, said cash incomes for NSW farms were expected to be close to zero this year, the worst for the state this century, with many regions facing negative cash flows.

Nationally, the Australian Bureau of Agricultural and Resource Economics and Sciences (ABARES) on Tuesday said 31 percent of broadacre farms would register negative cash incomes this year. Two years ago, just 15 percent were in such a dire situation.

The big increase is being driven by the drought, which ABARES expects to break for the winter cropping season.

It is forecasting total farm production to drop to \$59 billion this year, from \$62 billion in 2018-19, with good sales of livestock goods offsetting the drop-off in crops such as wheat.

ABARES expects beef and veal exports, which are tipped to reach a record \$9.8 billion this financial year, to fall by 23 percent in 2020-21 as farmers seek to re-stock their paddocks.

The nation's sheep flock is already at its lowest level since 1904, while the cattle herd is at its lowest since 1990. ABARES says it will take several years for sheep and cattle numbers to return to pre-drought levels.

Offsetting the drop in beef production, ABARE believes wheat exports will climb 20 per cent next year to almost \$4.2 billion on the back of a 30 percent jump in production. Crop production traditionally lifts in a year after drought.

Retrocedieron las exportaciones de carnes bovinas a CHINA

Jon Condon, March 3, 2020 Australian beef exports to China and other key markets slowed in February, as the first signs of fundamental supply and demand adjustments since the major rain event across eastern states start to be seen.

Chilled and frozen beef exports to all markets reached 92,968 tonnes in February, according to Department of Agriculture statistics released a few minutes ago.

The figure was down 2.3 percent on the same time last year, and is likely to prove to be just the 'tip of the iceberg' as the industry changes gear, and moves into a herd rebuilding phase after 18 months of continental-scale drought.

ABARES figures released this morning (see separate report) show the national beef herd at 30 year lows, and females which last year made up 57pc of weekly kills for large parts of the year, rapidly disappearing from kill rosters.

Adult cattle slaughter in 2019 lifted 8pc on 2018 levels, to 8.5 million head – the sixth highest on record. For the last six months of the year, adult cattle slaughter tracked well above the five-year average, as conditions deteriorated and cattle were destocked, supporting processor throughput.

All this suggests beef exports for the remainder of this year are likely to be dramatically lower than 2019, in places well below five-year averages, as females are retained for breeding, and the smaller pool of grower cattle impacts supply availability.

MLA currently has adult cattle slaughter in 2020 likely to drop 15pc, to 7.2 million head.



While China export volumes remained substantial at 16,732 tonnes last month, Beef Central was told by trade sources that this figure was masked, somewhat, by shipments of beef bought earlier Chinese customers, but delayed at customer request due to major meat price movements seen late last year. Latest effects of coronavirus on Chinese ports and infrastructure apparently came too late to show-up in February export data.

Last month's China shipments were back about 12 percent on February last year, but the real market surge in China volume did not start to 'take off' until around mid-year. In November for example, volume reached a record 34,264t – more than twice the size of last month's trade.

A more accurate picture of China trade volume will not appear until March figures are released in a month's time. An exporter source with heavy exposure to the Chinese market yesterday told Beef Central that some signs were emerging that the enormous backlog of containers on Chinese ports was now starting to clear, and he was confident logistics problems, at least, would start to resolve by the middle of March.

Despite that, food service trade activity in China remains desperately flat, as Chinese consumers continue to avoid going out as much as possible, while the retail segment is much less affected.

China's beef imports are expected to slow during the first half of 2020, analysts say in this report published last week.

February is typically a rebuilding phase for Australian beef exports after Christmas processing closures, and last month was no exception.

The slowdown in volume to China is not necessarily being reflected in greater uptake into some other customer countries, it seems.

Trade to Japan last month reached 23,714t, up from 18,000t the month before (January is always the smallest shipping month of the year), but virtually the same as trade seen this time last year.

Volume to the US may have displaced some of the lost China tonnage last month, as competition between the two for similar manufacturing beef subsided.

Volume to US east and west coast ports last month totalled 19,485t, up about 24pc from January, but much the same as February trade last year.

South Korea took almost 13,000t of Australian beef last month, up from 10,000 in January, but a little behind February last year when 13,600t was consigned.

Smaller markets were also active last month, with the Indonesian trade benefiting further from the recent Free Trade Agreement, taking 5645t in February, up by 16pc on this time last year.

The Middle East region accounted for 2608 tonnes of Australian beef last month, a 20pc rise on January and 12pc higher than this time a year ago.

The EU grass and grainfed chilled trade took 1408t last month, up about 30pc from January but much the same as February last year.

Looking ahead

The global protein market experienced an exceptional year in 2019, with the impact of African Swine Fever in China creating a massive protein deficit, and a reshaping of the global meat trade as more product was directed to the China market. Australian beef exports were very much part of that shift, with exports to China growing 85pc and the market emerging as Australia's largest market by volume.

The protein deficit in China is set to be just as apparent in 2020, but many shifts in the global landscape will impact how this unfolds, including the US-China trade relationship, production and policies from South American suppliers and policy shifts within China itself.

The impact of Coronavirus, both inside and outside China, will only add to this complex equation. Demand for beef from many other key markets around the world remains robust, but buyers must now compete more fiercely for that product.

ABARES Proyección 2020 prevé precios altos

James Nason, March 3, 2020 A PROLONGED herd recovery from a 30 year low in Australian cattle numbers will underpin a sustained period of historically high cattle prices, Government forecaster ABARES predicts in its annual commodity outlook reports released today.

ABARES estimates Australia's total cattle herd will stand at 23.5 million head at June 2020.

That total comprises 21.1 million beef cattle and 2.4 million dairy cattle.

ABARES' herd size estimate is 1.2 million head less than the 24.7 million head figure put forward by Meat & Livestock Australia in its 2020 projections last month.

Why the large discrepancy between the ABARES and MLA estimates?

A major reason appears to be a change that was made by the Australian Bureau of Statistics to the way it gathers data for its yearly surveys.

MLA's herd estimates released in February.

Traditionally ABS' annual agricultural survey has included farms with an estimated value of agricultural operations (EVAO) of \$5000 or more.



However, in 2017, the ABS raised the bar to only include enterprises with an estimated value of operations of \$40,000 or more.

The change was reportedly made to save resources but meant many small-scale cattle enterprises around the country were no longer counted.

MLA told Beef Central it uses the most recent ABS Agricultural survey figures as a basis but then incorporates its own projection models to calculate all cattle, not just those from an enterprise with an EVAO of \$40,000 or greater, to provide an accurate herd estimate.

ABARES also draws upon the ABS figures as a basis for its estimate but uses a different methodology to MLA to arrive at a final herd figure.

A spokesperson said ABARES uses herd demographic modelling combined with its assessments of price signals for producers and the prospects for pasture growth over the forecast periods to arrive at its herd estimate.

The result is a difference in official estimates of the size of the national cattle herd of more than one million cattle, or around 5 percent.

In today's outlook report ABARES says it assumes a scenario that reflects climatic conditions similar to those experienced over the last 20 years to predict that the herd will increase by 4 percent per year on average to grow to 26.5 million head (24.1 million beef cattle, 2.4 million dairy cattle) in 2024-25.

Australian beef production is projected to reach 2.3 million tonnes in the same year, which is a level similar to the long-term average.

Key components of ABARES' forecast for cattle and beef include:

The Australian weighted average saleyard price of cattle to rise by 7 percent to 538c/kg carcass weight in 2020-21.

Average slaughter weights to increase as a result of improved pasture availability and a lower proportion of females in total slaughter

Increased slaughter weights will only partially compensate for reduced turn-off, with beef production to decrease to 2.0 million tonnes in 2020-21.

Australian beef exports to fall to \$7.6 billion (0.9 million tonnes) in 2020-21, down from \$9.8 billion in 2019-20 (1.2 million tonnes shipped weight).

Export volumes to recover gradually, reaching 1.1 million tonnes in 2024-25.

Australia will continue to experience increasing competition in key export markets.

In particular the US will be more competitive in Japan and China following recent trade deals

Australia beef in China will also face increasing competition from South American countries. In September 2019 China approved 25 new Brazilian facilities, bringing the total to 89.

In October, China also approved 14 more Irish beef plants, bringing the total to 21.

Impact of coronavirus (COVID-19) – Demand from restaurants is expected to remain weak as consumers avoid public dining until virus can be controlled, but beef sales in supermarkets are expected to remain relatively unaffected.

Reaching pre-African Swine Fever levels of pork production to remain elusive meaning Chinese demand for beef will remain elevated in the short term.

Demand in China to gradually ease to more normal levels towards the end of the outlook period, as a result of pork and poultry production increases either in China or in other major producing countries.

Mercado ganadero mejoró a contramano del resto del mundo

05 March 2020 The spread of Covid-19 rattled stock markets around the world last week and managed money went looking for safe havens. Global economic growth forecasts have been revised lower as news of fresh virus outbreaks in Italy and Iran, and further cases in the likes of Japan and South Korea, led many to conclude the disruption will extend well-beyond China.

While the rest of the world grapples with how to deal with Covid-19, China is showing some signs that business activity is recovering. Meanwhile, fuelled by much-needed rain, Australian cattle, lamb and sheep prices aren't reflecting the uncertain global outlook as they venture into record territory.

China gridlock reflected in exports

February business activity slumped in China, which is typical post lunar new year, but was more pronounced and prolonged, driven by employee travel restrictions preventing plants and workplaces from re-opening, and the freight-logistics network grinding to a halt.

Consumer demand in China – which usually peaks in the lead up to and during the lunar new year and then eases – has also been subdued. Bricks-and-mortar retail (for non-necessities), foodservice, tourism and hospitality have been particularly hard hit, as consumers study and work at home due to fear and movement restrictions. However, demand has boomed for digital and e-commerce-based services, with home-delivery meal and grocery businesses struggling to keep up with orders.

One of the biggest challenges for Australian beef and sheepmeat in China has been getting product through under-staffed port bottlenecks. In 2019, 60% of Australian beef exports to China went through



Shanghai port, followed by Tianjin port at 16%. Australian sheepmeat exports were more geared towards Dalian port, which accounted for 47% of shipments, with Shanghai accounting for just 4% of Australian sheepmeat in 2019.

The subdued demand in China flowed through to shifts in Australian red meat exports last month. Total Australian beef exports eased 2% year-on-year in February, amid tightening slaughter cattle supplies, with shipments to China dropping 12% versus year-ago. The decline in beef trade to China comes following a 29-month run of year-on-year growth, through which China emerged as Australia's largest export market. Likewise, Australian sheepmeat exports in February were steady year-on-year but shipments to China almost halved, after what had been a stellar 31-month run of year-on-year growth.

Fortunately, while still needing to process large volumes of containers, China's ports have begun kicking back into gear, as port staff return to work and China's lorry drivers begin the massive task of distributing product through to inland cities.

The ongoing difficulty for Australian red meat exporters (and all major selling of meat to the China market) is the global imbalance of reefer (refrigerated) containers. As reefers have built up in China's ports, many have remained un-emptied. Even as ports begin to process containers and product is distributed throughout China, it may be weeks before reefers return to global circulation – until that happens, reefer freight rates will remain elevated.

Other markets

The spread of cases outside of China presents a growing risk to populations and challenge for policy makers around the world. While conditions remain fluid, there is also reasonable demand-side risk to the Australian red meat industry. With about three-quarters of Australian beef and sheepmeat consumed in overseas markets, access to free and open trade is critical.

Japan and Korea – two key beef markets for Australia – have recorded an increase in covid-19 cases in the last fortnight. As beef shipments to China cooled in February, beyond the expected seasonal lull, Japan and Korea picked up some of the slack. However, as the number of covid-19 cases grow it has potential to disrupt demand and the ability to distribute product through these North Asian markets.

EMPRESARIAS

Tyson Foods obteve reconhecimento a su Programa de Sustentabilidade

03 March 2020 US Roundtable for Sustainable Beef recognises Tyson Foods for beef sustainability programmes.

Three Tyson Foods, Inc sustainability programmes achieved recognition for alignment to the US Beef Industry Sustainability Framework. The recognition applies to processing facilities under the Tyson Fresh Meats sustainability programme as well as to auction market and feedyard partners under the Tyson FarmCheck Programme.

The basis of recognition comes from the US Beef Industry Sustainability Framework, an industry-adopted resource that outlines key areas of sustainability and opportunities for improvement across the beef value chain. The Framework is inclusive of high-priority indicators, sector specific metrics and sustainability assessment guides.

“Our company is committed to continuously improving the sustainability of our beef business and this includes partnering with our livestock suppliers to encourage best practices.” said Shane Miller, senior vice president and general manager of beef enterprise for Tyson Foods. “We’re pleased to be recognised for our efforts in this important area.”

Each Tyson Foods programme underwent a third-party review through the US Roundtable of Sustainable Beef (USRSB) recognition programme to demonstrate alignment to the Framework. These reviews assessed each programme's approach to sustainability and incorporation of Framework principles, including animal welfare, land and water resources, and air and greenhouse gas emissions, among other areas.

“This recognition demonstrates a commitment of Tyson Foods to continuous improvement and sustainability in the beef supply chain,” said USRSB Chair Ben Weinheimer. “The US Beef Industry Sustainability Framework was designed to help communicate the great strides the industry has and continues to make in beef sustainability. Partnering with organisations like Tyson Foods demonstrates our commitment to beef sustainability across the entire supply chain, which, in turn, continues to improve trust in US beef among consumers.”

BRF resultados positivos em 2019

Fonte: BRF. This post was last modified on 3 de março de 2020 11:16

A BRF, uma das maiores companhias de alimentos do mundo, registrou lucro líquido das operações continuadas de R\$ 1,2 bilhão no ano de 2019. A retomada do desempenho positivo é resultado do



aperfeiçoamento e estabilidade da gestão Companhia, que reforçou o valor de suas marcas, fortaleceu sua capacidade operacional, investiu no lançamento de novos produtos e executou com disciplina o plano de desinvestimento e o planejamento estratégico concebidos em 2018.

“Os resultados evidenciam a execução consistente de nossa estratégia, colocando a BRF em um novo patamar. Estamos retomando os padrões de uma organização de alto desempenho com um time de alta performance, preparando a Companhia para o futuro. Antecipamos a redução da alavancagem líquida e superamos os níveis históricos de margem. A BRF sai de um prejuízo de R\$ 2,1 bilhões em 2018 para um lucro líquido de R\$1,2 bilhão nas operações continuadas em 2019”, avalia Lorival Luz, CEO da BRF.

A receita líquida da empresa totalizou R\$33,4 bilhões em 2019, um crescimento de 10,8% frente ao ano anterior, alcançando uma margem bruta de 24,1%, o que representa uma ampliação de 8 pontos percentuais em relação a 2018. Com isso, o EBITDA Ajustado alcançou R\$5,3 bilhões e a margem EBITDA Ajustada, que mede a eficiência operacional da Companhia, atingiu 15,9%, um avanço de 7,7 pontos percentuais quando comparado ao ano anterior.

Além disso, a BRF apresentou geração de caixa operacional de R\$ 4,7 bilhões e investimentos totais de R\$1,9 bilhões em 2019. Desse modo, a geração de caixa livre totalizou R\$ 2,9 bilhões, reduzindo o endividamento líquido em R\$ 2,3 bilhões, totalizando R\$ 13,3 bilhões. Consequentemente, a alavancagem líquida, medida pela razão entre a dívida líquida e o EBITDA Ajustado dos últimos 12 meses, atingiu o patamar de 2,50x, uma redução relevante quando comparado a 5,12x reportado em 2018.

No Brasil, a BRF alcançou sucesso na estratégia de recuperação da rentabilidade, resultado do aperfeiçoamento da execução comercial, aumento da eficiência logística, otimização do mix de produtos, rentabilização dos canais de venda e investimentos em marcas e inovação. Com isso, a Companhia atingiu o patamar de 24,5% de margem bruta no último ano, um aumento de 4,2 pontos percentuais em comparação com ano anterior, o melhor nível desse indicador desde 2017.

Neste cenário, a BRF manteve a liderança com 43,2% de market share no mercado brasileiro no 4T19 e ampliou a preferência do consumidor. De acordo com o Instituto Kantar, a Companhia atingiu 41,8% de preferência de marca no universo de alimentos, o que representa um crescimento de 3,9 pontos percentuais sobre o primeiro semestre de 2019.

Já o segmento internacional da BRF apresentou o melhor resultado nos últimos cinco anos, reportando um EBITDA Ajustado de R\$ 2,3 bilhões, com um crescimento de 158,5% em relação ao ano anterior. Gerando uma receita líquida de R\$ 14,9 bilhões em 2019, o Segmento alcançou margem bruta de 24,1%, um avanço de 8,3 pontos percentuais em relação a 2018. No mercado Halal, a empresa recuperou as margens e avançou em importantes pilares estratégicos, inclusive com o anúncio da construção de uma planta de industrializados na Arábia Saudita. Nos outros mercados internacionais, além da maior demanda asiática por proteínas, a Companhia trabalhou fortemente para estabelecer acessos a novos mercados, obtendo 25 novas habilitações para 11 países diferentes.

Com cerca de 237 mil clientes atendidos somente no Brasil, 14 mil fornecedores e 10 mil produtores integrados, a Companhia encerrou o ano presente em cerca de 140 países e com mais de 90 mil colaboradores no mundo.